



JANEIRO / FEVEREIRO - 2010
EDIÇÃO Nº 179



Os Caminhos Novos Passam

Pelo Coração de Deus
Pelo Coração dos Antepassados

"Todos nós, juntos, nos preocupamos com a nossa cultura e com nossos animais que nos alimentam. Todos nós nos preocupamos para que nossas florestas e rios sejam sempre ricos em várias espécies. É nosso trabalho repassar para as comunidades esse conhecimento"

"Nós queremos que a terra seja demarcada logo, não queremos grileiros nem madeireiros dentro da terra".

" 'A terra e a Mata são o centro da vida', diz o povo indígena Aymara. Nas matas vivem milhões de animais, plantas, microorganismos e muitos outros seres vivos. A mata é sua casa. Ali, a vida se renova".

O que vocês leram são depoimentos de índios neste número da revista. É o amor dos indígenas pela terra, a preocupação com ela, o cuidado com ela e o sofrimento por causa da sua destruição e invasão. O sofrimento do índio é duplo: a perda da terra e ver a mãe terra ser destruída, rasgada, desertificada pelo invasor; ver a terra ser tratada como mercadoria, explorada e abandonada.

Os índios têm seus direitos reconhecidos, mas os Governos foram e são muito lentos em garantir este direito. Ao direito se contrapõem os interesses econômicos, as barganhas dos políticos, a manipulação das leis. Quantos conflitos poderiam ser evitados, quanto ganho para o Brasil se os governos tivessem cumprido com seu dever de zelar pelo bem comum e pelo direito do povo. O povo Macuxi de Roraima sofreu mais de meio século de violência por causa da não demarcação e homologação de suas terras; os Guarani Kaiowá sofrem ainda hoje o esbulho de três milhões de hectares de suas terras e assim os Guajajara. Hoje é a vez dos Arara, dos Parakanã, dos Tembé de ver sua terra invadida e destruída.

Em nome do progresso, do desenvolvimento, da civilização se destrói a mata, matam-se pessoas. O pior que, pela manipulação dos meios de comunicação o pobre é imbuído destes preconceitos, e não percebe que trabalha de graça para engordar os poderosos e alimentar os corruptos.



Publicação do Conselho Indigenista Missionário

Esta Revista nasceu em 1979 por iniciativa de 5 tuxauas

É uma revista de: informação
formação e
intercâmbio a serviço
dos Povos Indígenas

ISSN 1679-2335

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: ARTUR DIAS. FOTO: VI ENCONTRO CONTINENTAL DE TEOLOGIA ÍNDIA - NELLO RUFFALDI

Correspondência para:

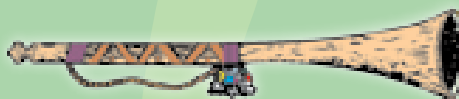
Caixa Postal 41

CEP 66.017-970 - Belém - Pará - Brasil

Telefone: (091) 3252 - 4164 • Fax: (091) 3252 - 2312

E-mail: cimiblm@amazon.com.br

Site: www.mutiraoamazonia.org.br



Instrumento usado pelos mensageiros no Alto Amazonas. Com ele avisavam as aldeias quando traziam notícias.

MIGRAÇÕES E MUDANÇAS CULTURAIS

Desafio e Esperança para os Povos Indígenas

Mais uma vez sábios e sábias, representantes de povos indígenas do Continente Americano desde o México até o extremo Sul, reuniram-se para refletir a situação de seus povos, os desafios que enfrentam e as respostas que encontram na sua fé. Estavam acompanhados por sábios e sábias não índios que comungam suas lutas e a mesma fé num só Deus criador do universo e Pai de todos os Povos e no seu Filho Jesus Cristo. Comungar suas lutas e sua fé.

Este foi o Espírito do VI Encontro Continental de Teologia Índia, realizado na cidade de Berlin em El Salvador, de 30 de novembro até 04 de dezembro de 2009.

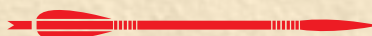
O TEMA: MIGRAÇÃO E MUDANÇAS CULTURAIS:

Tipos de migração:

- Geográfica: a migração indígena de nossa região implica somente em mover-se de um lado para o outro ou inclui também migração cultural e religiosa?
- Cultural: o que acontece com a cultura indígena ao migrar? As pessoas que migram adotam outra cultura? Como se dá este processo de defesa, mudança ou abandono da própria cultura?
- Religiosa: o que acontece com a vida religiosa indígena? As pessoas que migram trocam de religião? Como defendem, trocam ou abandonam sua vida religiosa própria?

O PROCESSO:

Durante meses antes do encontro, estes sábios e sábias refletiram com suas comunidades sobre a situação de migração e de mudanças que suas comunidades enfrentam e suas conseqüências na vida do povo. Analisaram as conseqüências negativas e os aspectos positivos, sempre tendo como ponto de referência a Palavra de Deus na herança cultural dos mitos dos antepassados e na Bíblia.



Continua na próxima página

Foto: Ponciano



A própria convocatória evidencia estes dois aspectos:

"Todos nós, os povos, procuramos novos horizontes e alternativas para o bom viver. Os caminhos se apresentam desafiantes e esperançosos. Como povos indígenas, olhamos com esperança toda a dinâmica da vida, mas ao mesmo tempo sentimos a necessidade de refletir, com urgência, sobre a situação atual: terras fragmentadas ou abandonadas, famílias desintegradas, valores culturais em processo de desaparecimento, crianças e jovens sem respaldo comunitário."

O encontro de Teologia Índia é um esforço para documentar a produção teológica das comunidades indígenas a partir da temática que afeta profundamente sua vida. Não se trata de escrever tratados e teses de doutorado em teologia, mas sim de partilhar as preocupações que a realidade gera, e à luz da nossa tradição e da Palavra de Deus, encontrar orientações que fortaleçam a nossa fé e renovem nossos compromissos. O êxito do encontro se baseia, principalmente,

na preparação realizada nas bases indígenas, recolhendo as vozes das irmãs e dos irmãos.

Nosso encontro foi caracterizado pelos símbolos, rituais, mitos e partilha do saber. O conjunto de tudo isso nos ajudou a entender e partilhar a experiência teológica das nossas comunidades a partir da realidade das migrações mudanças culturais.

O que mais caracterizou o encontro foi a hospitalidade, a simpatia e as manifestações de amizade do Povo Salvadorenho do primeiro ao último dia. Eles nos mostraram como é que Deus quer que vivamos. Muito obrigado, amigos e amigas, povo que nos acolheu de braços abertos em suas casas; padres, bispos e seminaristas; mulheres e moças que nos auxiliaram.



Após o rito de abertura, o povo de Belim acolheu os participantes do VI encontro com colares, danças, música, foguetes e muita festa.



O Ritual Inicial:

O início foi marcado por símbolos e rituais como a **entrega da manta branca** para a equipe coordenadora. A manta tem 04 cantos: que representam a totalidade, os quatros cantos do universo. A manta é dobrada para formar três cantos; três é o símbolo do serviço.

Completa um broche com a figura do beija-flor que representa o Espírito de Deus que acompanha e fortifica o serviço. O branco é o símbolo da vida de Deus na natureza limitada da humanidade. O vermelho dos adornos da manta representa a força de Deus.

O altar, o espaço sagrado, foi montado no meio da sala. Para os Povos centro-americanos é o coração de Deus, o coração dos nossos antepassados, o coração dos nossos povos. Na assembleia lembrou os quatro caminhos, elaborados com produtos da terra, da cultura e da herança espiritual dos nossos povos.



Foto: Ponciano

Entrega dos mantos aos coordenadores



Foto: Ponciano

Os coordenadores, já com seus respectivos mantos

Eleazar e Ernestina avôs da Teologia Índia deram as palavras de abertura junto com Maria Chávez (Aymara, de Bolívia) e Mons. Rodolfo Valenzuela do CELAM.



Foto: Ponciano

Frase de D. Romero que inspirou o Encontro: "É triste ter que deixar a pátria, porque nela não há uma ordem justa onde encontrar trabalho."

O ritual do caracol:

Para nós o caracol é aquele que abre caminho, sejam eles planos ou ásperos. Ele sempre vai para frente. O caracol esconde seu tecido frágil em sua concha protetora, e nos lembra a resistência indígena nas mudanças e nas migrações.



No ritual do caracol foi enfatizado o encontro das culturas e dos povos.

O ritual enfatizou este ir e vir e o encontro com nós mesmos e nossa comunidade. O som dos caracóis feitos buzinas marcou este momento penetrando até o fundo do nosso ser.



Foto: Ponciano



A dança salvadorenha "La Carbonera" também marcou o início, pois ao contar a situação dos carvoeiros retrata o sofrimento e a resistência do povo Salvadorenho.

O encontro foi dividido em cinco momentos, cada um caracterizado pela partilha a nível regional seguida por uma sessão da plenária geral.

O PRIMEIRO MOMENTO: "OUVIR O CLAMOR DOS POVOS"

A Região da América Central:

São 200 milhões os migrantes. O narcotráfico prejudica muito porque utiliza a migração. São os mais pobres que têm que migrar. Em alguns países (como El Salvador, anfitrião do encontro, chega a 40% da população vivendo em outros países. Nem se pode tomar decisões comunitárias porque a maioria está fora.

Apesar de todas as dificuldades e amargura da migração, existe o lado bom. Entre os jovens migrantes, 39% conseguiram concluir os estudos superiores, enquanto os que ficam (no México) apenas 19% conseguiram.

A Região Andina:

O deslocamento é forçado por causa da intervenção nas áreas indígenas pelos paramilitares, narcotráfico, companhias transnacionais, hidrelétricas, mineradoras e petroleiros. Nos censos, os indígenas sempre aparecem como minoria porque os questionários aplicados não destacam a identidade como povo. Há migração do interior para os centros urbanos e de lá para os Estados Unidos.

de estudantes na Colômbia, Panamá e Venezuela. E ainda há migração permanente de famílias inteiras que vão em busca de melhores condições.

Amazônia:

A região apresentou dados do Brasil norte/nordeste. Incluímos para nossos leitores um pouco de nossa pesquisa preparatória que indica dados alarmantes quanto à migração.

As Migrações/Mudanças: Nos últimos anos da história dos índios no Brasil presenciamos um fenômeno novo: a migração geográfica, cultural e religiosa dos Povos Indígenas. Migrações e mudanças são antigas e estão presentes



Região do Caribe apresenta suas contribuições iniciais.

A Região do Caribe:

A maior parte de nossa migração é para as cidades. Há a mobilidade a curto prazo e a temporária a longo prazo



Representantes da Amazônia reunidos

em todos os Povos, em todas as épocas, mas o que é novo é a intensidade das migrações e a rapidez das mudanças. O Povo não consegue assimilá-las e incorporá-las na sua vida. E nisso está o desafio.

Migração geográfica: O censo de 2000 do IBGE constata que a metade da população indígena já vive em áreas urbanas. Estamos esperando o censo deste ano para ver se a corrida para as cidades prossegue com o mesmo ritmo. No censo de 2000 houve aumento significativo de pessoas que assumiram a sua

identidade indígena, ao mesmo tempo em que aumentou muito a migração no Brasil. A migração indígena para as cidades é bem maior nas regiões em que os índios tiveram seus espaços territoriais drasticamente reduzidos e ambientalmente degradados. O censo de 2010 vai nos dar o alcance desta migração.

Migração cultural: A migração não é somente geográfica mas também cultural, pois experimentamos mudanças nas tradições e na religiosidade tradicional dos Povos Indígenas, mesmo dos que ficam nas aldeias. É o que mostra uma

pesquisa/ auto-diagnóstico que realizamos nas aldeias indígenas do município de Oiapoque. Dentro destas mudanças destacamos a diminuição do trabalho em MUTIRÃO que é o alicerce da cultura dos Povos da região fronteiriça com a Guiana Francesa. Mudou também o relacionamento jovens/ adultos afetando a estrutura familiar. A televisão, a energia elétrica 24 horas por dia, o contato com a cidade facilitado por melhores meios de transporte, o aumento do dinheiro nas aldeias são os agentes mais óbvios destas mudanças.

SEGUNDO MOMENTO: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Procuramos encontrar as causas da emigração, e as razões profundas deste fato cada vez mais amplo, que é a mobilidade/ migração.

Foram esclarecedores e comovedores os testemunhos de parentes de El Salvador, Guatemala, Bolívia e Equador.

1. Por que nós indígenas migramos?

Há migração que é forçada e tem migração voluntária. As situações são muito diferenciadas, desde a invasão e ocupação de suas terras em consequência do avanço do neoliberalismo, o que obriga à migração, a outras em que eles mesmos optam por ir à cidade a procura de emprego, tratamento de saúde, educação ou um novo estilo de vida.



Indígena moradora de favela em São Paulo: sem qualidade de vida (foto tirada do site iurirubim.blog.terra.com.br)

2. Qual a relação entre o avanço do neoliberalismo econômico e a migração indígena?

O avanço do neoliberalismo é o grande responsável pelas migrações e mudanças. Mas ao mesmo tempo ele atrai e corrompe através dos Meios de Comunicação Social, pela força do dinheiro, pela idéia de competição, o que corrói o alicerce das culturas indígenas levando a uma mudança de mentalidade.

"Nossas crianças brincam de guerrilheiro e militar; nossos rios estão contaminados; tivemos bebês com lábios leporinos; e até nossos cães e gatos estão nascendo deformados." (Antonio Jacanimijov, coordenador geral do Conselho de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica da Colômbia).



Soldado colombiano em acampamento de guerrilheiros desmontado: indígenas ficam no meio do fogo cruzado.

"Não há lugar para os índios na hospedaria do neoliberalismo. A continuidade histórica dos povos indígenas sempre leva à ruptura com o sistema". (Paulo Suess, Luziânia, 8/8/03).

3. Quais são as principais consequências?

A maioria não alcança o objetivo que os levou a migrar para as cidades. É pior para os moradores mais antigos, que na sua maioria estão ocupando favelas e palafitas.

As mulheres indígenas são discrimi-

nadas em seus salários, por desconhecer e não reivindicar seus direitos trabalhistas e às vezes são levadas à prostituição.

Os indígenas migrantes procuram na área urbana uma melhoria econômica da qualidade de vida que não conseguem em suas terras ancestrais.

A maioria não tem qualificação profissional, razão pela qual trabalha na construção civil, emprego doméstico, biscates ou produz artesanato para vender.

TERCEIRO MOMENTO: PERCEBER A MANEIRA EM QUE DEUS E NOSSOS POVOS VÊM A MOBILIDADE/ MIGRAÇÃO.

É necessário tocar e contemplar o coração de Deus e de nossos antepassados. Cada região ou área partilha seus textos sagrados através de seus mitos, ritos ou histórias antigas, que se referem à mobilidade/ migração. Estes textos sagrados, com sua força simbólica, são a palavra que vai jogar luz sobre a mobilidade/ migração que vivemos atualmente.



Na América Central, as múltiplas cores do milho simbolizam os caminhos de Deus e os caminhos humanos.

Cada uma das regiões Caribe, Andes e Cone Sul apresentou um mito. América Central apresentou as quatro migrações míticas narradas pelo livro sagrado do POPOL VUH, que deram origem ao nas-

cimento do maiz (milho). A Amazônia apresentou o mito de Wira'i, "gavião pequeno" do povo Tenetehara do Pará. (leia o mito na página seguinte)

A tarde visitamos o Santuário da Virgem da Candelária no Jucuaran e jantamos à beira do Oceano Pacífico recebido pela população da paróquia.



Nossa Senhora da Candelária, no altar do Santuário em Jucuarán e ao lado, nos altares populares.

Foto: Ponciano



Participantes do VI Encontro entrando no Santuário com o povo de Jucuarán.

O mito de Wira'í

Um rapaz, de nome Wira'í, estava passarinhando perto de casa. De repente, seguiu uma coruja a qual o desviou de seu caminho conhecido. Ele se perdeu. O coruja bacurau, então, o engoliu com sua boca muito grande, e o levou para o outro lado de um rio enorme que era por ele desconhecido.

O rapaz se encontrou sozinho e procurou achar um meio para atravessar o rio, mas em vão. Estava anoitecendo e o rapaz subiu num pau e começou a pensar no que fazer. De repente ouviu o canto de um pássaro: era uma coruja. Pensou: "se essa coruja fosse gente, ela poderia me levar do outro lado do rio". A coruja perguntou o que ele havia dito e respondeu-lhe que era muito pesado e não conseguiria. Outros pássaros vieram durante a noite, mas todos eles responderam a mesma coisa.

Pela manhã, ouviu o canto do pica-pau e outra vez pensou: "se o pica-pau fosse gente me carregaria para o outro lado do rio". O pica-pau se aproximou e lhe perguntou o que ele havia dito. Este falou, mas ouviu a mesma resposta de sempre. Mais tarde ouviu o canto do paturi. O paturi, desta vez, tentou levantar vô com o rapaz, mas não conseguiu. Então disse que ele conhecia alguém que conseguiria atravessá-lo. No entanto, o rapaz deveria procurar não responder às perguntas que esse bicho ia lhe fazer, do contrário o bicho o comeria. Pouco depois, o paturi voltou com um jacaré enorme, o qual carregava uma imbaúba nas costas, e se ofereceu para levá-lo. O rapaz saltou e se segurou no pé de imbaúba. De vez em quando o jacaré perguntava alguma coisa para o rapaz, mas este não lhe respondia.

Ao chegar à outra margem, o jacaré disse que ele podia saltar para a terra, mas o rapaz pediu que ele o levasse mais perto da beira. Assim ele fez, e o rapaz aproveitou o momento melhor e pulou longe do rio, correndo, em seguida, para não ser alcançado pelo jacaré.

Logo adiante encontrou um socó, que o engoliu. Chegou o jacaré e perguntou-lhe se havia visto um rapaz fugindo. Esse disse que não e então o jacaré o acusou de tê-lo engolido. O socó disse que não e como prova disso, regurgitou alguns peixes que havia engolido vivos. Conformado, o jacaré voltou. O socó, então regurgitou o rapaz e disse-lhe que, se quisesse chegar à casa do pai, teria que sempre seguir o caminho.

À noite ele procura um abrigo debaixo de uma grande pedra. Pela manhã descobriu que não se tratava de pedra, mas de um grande sapo cururu e foge. Para se alimentar comia toda fruta do mato: sapucaia, inajá e outras. Mais adiante ele ouviu algo como alguém que estava pisando num pilão: era uma cutia que estava batendo o pé na porta de uma laje de pedra. Já era de tardezinha, e falou para a cutia lhe dar um fogo. Ela disse que não podia, porque quem mandava ali era uma grande jibóia, a qual morava junto com a cutia. Esta ficaria brava e iria comê-lo.

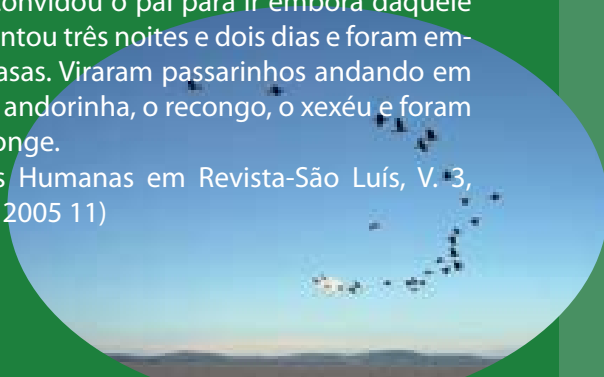
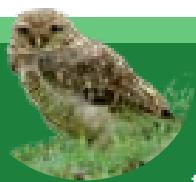
Ele entrou no buraco da cobra para pegar um tição e fazer fogo, para se esquentar de noite. A jibóia (moizuhu) tampou a porta, colocando-se à sua frente. O rapaz tentou sair, mas não podia. A cobra ameaçou engoli-lo. Naquele instante, Wira'í ouviu o canto do gavião: coan, coan, aí ele disse para a cobra que o gavião iria matá-la. Assim, a cobra saiu da porta e ele fugiu.

Adiante enxergou uma casa onde havia uma mulher sozinha. Esta lhe perguntou: o que você faz por aqui? Estou há muito tempo procurando por meus pais, e não sei onde eles estão. A mulher, que era uma coelha (morotói), disse que ele deveria ficar com ela e trabalhar para ela. O rapaz aceitou. Mais tarde chegaram os caititus, os quais lhe ofereceram batata, inhame, macaxeira, milho assado, especialmente para engordar o rapaz que estava muito magro por causa da fome, e convidaram a coelha para ir com eles, pela manhã, até a roça.

Na manhã seguinte, às cinco horas, chamaram a coelha, mas ela não quis ir, porque estava com sono. Os dias se seguiram até que os caititus convidaram o rapaz a ir com eles até a roça: "rapaz, o que você faz com essa mulher aí? Ela vai te matar de fome! Nós vamos te indicar o caminho que leva até a casa de teu pai." Pela manhã, chamaram-no e ele se levantou depressa e os acompanhou. Estes foram até a roça, que era do pai do rapaz, e lhe indicaram o caminho para chegar até a casa dele. Este, chegando, entrou no quarto e começou a mexer nas coisas. A mãe ouviu o barulho e foi até lá. Ela viu, reconheceu o filho e queria abraçá-lo. Mas ele disse que não podia. Em seguida chegou seu pai, o qual também reconheceu o filho, se aproximou dele e o abraçou. O filho entrou no corpo do pai, que ficou com duas cabeças conversando entre si.

O filho convidou o pai para ir embora daquele lugar. Aí, ele cantou três noites e dois dias e foram embora com as casas. Viraram passarinhos andando em bando como a andorinha, o reongo, o xexéu e foram embora para longe.

(Ciências Humanas em Revista-São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005 11)



QUARTO MOMENTO: INTERPRETAR E APLICAR OS TEXTOS SAGRADOS INDÍGENAS



Foto: Ponciano

Oração Yanomami



Foto: Ponciano

Sábio da América-Central

As sábias e sábios de cada região explicaram a mensagem que os textos sagrados escolhidos guardam. Explicaram e aplicaram à realidade atual a iluminação que vem do mito, rito ou história apresentado.

Como exemplo segue a interpretação feita pelo grupo Amazônia:

O mito do Wira'í é um mito da passagem de rapazes para se tornarem xamãs. Ele reflete as etapas de preparação e ao mesmo tempo o simbolismo ritual. Examinando o mito a partir da temática do nosso encontro, é possível descobrir uma analogia com a situação das migrações e das mudanças, e luzes para o caminho, em vista de um projeto alternativo e mais participado.

O mito é caracterizado por três etapas:

- A separação: afastamento do convívio social
- O trânsito: a fase da indefinição, da ambigüidade, dos desafios, da formação, das escolhas.
- A re-agregação: a redefinição da identidade e do projeto de vida na nova situação.
É perder e reconstruir. O nosso herói Wira'í que representa, para nós, o povo migrante ou o povo acometido por mudanças violentas e rápidas provocadas pelo mundo globalizado, tem amigos e inimigos.

INIMIGOS	AMIGOS	SÍMBOLOS	Comentário
Coruja bacurau	Paturi e pássaros	pássaros do céu	amigos
jacaré cutia	socó sapo cururu	répteis rio	inimigos o obstáculo p/ voltar
jibóia coelha/ mulher	caititus pai	água frutos da mata	sinal de purificação união c/ a natureza
		voar	ir além
		mãe/ mulher	renunciar ao sonho

A Amazônia salientou que a própria história do povo enfatiza o aporte dos que tiveram uma experiência fora da aldeia, como foi o caso do Chicão do povo Xukuru, e ao mesmo tempo a necessidade do povo reconstruir o seu projeto de vida a partir de suas raízes culturais. O Evangelho de Jesus é também um forte aliado nesta reconstrução.

Tivemos a contribuição de alguns assessores, sábios não índios que deram aportes a partir da Bíblia, do Magistério eclesial e outros ramos do saber humano sobre a mobilidade e migração.

Zenilda Xukuru: construindo a história de seu povo.



QUINTO MOMENTO: COMPROMISSOS

A Assembléia se comprometeu a permanecer articulada para divulgar e anunciar, a exigir e denunciar, a ajudar, motivar e favorecer em diversas maneiras em nível regional e continental:

- Divulgar a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas e as publicações sobre a Teologia Índia, as campanhas em favor de nossos povos, a reflexão contínua sobre nossas teologias através de um sítio e biblioteca virtual.



Foto: Ponciano

Uma indígena dá seu testemunho sobre a migração.



Foto: Ponciano

Região Andina em manifestação cultural.

- Denunciar os mega-projetos que provocam a migração, a criminalização e militarização sofridas pelos Povos Indígenas, a violações dos Direitos dos Povos Indígenas. Para isso criar uma rede de solidariedade intercâmbio e denúncias em nível regional e continental.
- Exigir dos países e governos sua adesão e cumprimento da Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas e buscar maior participação no Foro Permanente dos Povos Indígenas na ONU.
- Motivar uma verdadeira pastoral da Migração na Igreja, promover en-



Chico Jorge, do povo Xukuru e Hosana Puruborá.

contros nas fronteiras dos países, continuar oferecendo temas atuais para os processos regionais, manter o caráter ecumênico dos encontros que devem continuar em nível continental e regional, fortalecer a aliança entre igrejas, organizações indígenas e outros setores da sociedade civil para defender os direitos territoriais dos povos indígenas.



Representantes do Cone Sul

Foto: Ponciano



O povo de Berlim recebe homenagem dos participantes do VI Encontro.

2009 PERDAS E GANHOS – Um olhar indígena

Extraído de entrevista do Miguel Palacín Quispe à ADITAL- Agência de Informação Frei Tito para América Latina



Miguel Palacín Quispe, Diretor da Coordenaria Andina de Organizações Indígenas (CAOI), faz um balanço do trabalho realizado em 2009 em nível de América Latina que pode servir como referência para uma avaliação das ações realizadas pelos nossos movimentos locais e nacionais. Na entrevista com a jornalista Natasha Pitts, Miguel pondera que, apesar dos muitos problemas enfrentados, a causa indígena se fortaleceu através de suas organizações e entidades.

Ganhos:

A visibilidade, a articulação continental e a incidência do movimento indígena conseguiram grandes avanços. Um espaço chave foi a IV Cúpula Continental dos Povos e Nacionalidades Indígenas que se reuniu em Puno, Peru, em maio de 2009. Ali se tomaram acordos-cha-

ves para a defesa de nossos direitos e da Mãe Terra. Um deles foi a ratificação da convocatória da Minga Global, que se traduziu em mobilizações, fóruns e pronunciamentos em todo o continente, Europa e outras latitudes, entre 12 e 16 de outubro. Esta convocatória foi um acordo do Fórum Social Mundial reunido em Belém do Pará, Brasil, no início do ano, por sugestão das organizações indígenas. As demandas dos povos indígenas e, sobretudo, suas propostas de Bom Viver e Estados Plurinacionais formam já parte das agendas dos movimentos sociais em todo o globo.

Ademais, a participação articulada



das organizações indígenas em instâncias como a OIT, o Conselho de Direitos Humanos e o Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial da ONU, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos,

entre outros organismos, tem tido resultados muito importante no apontamento e na exigência aos Estados para que respeitem nossos direitos. A ele se agrega a Primeira Audiência do Tribunal Internacional de Justiça Climática, cuja constituição foi um dos acordos da Cúpula de Maio, e que se realizou em Cochabamba, Bolívia, em 13 e 14 de outubro no marco da Minga Global.

As mobilizações amazônicas [em torno de Bagua] fortaleceram a articulação com os indígenas andinos, estimularam uma solidariedade nacional que não se via no Peru desde há mais de duas décadas e despertaram a indignação mundial, o que resultou na revogação de quatro decretos legislativos que violam direitos indígenas.

Perdas:

O massacre de Bagua foi o ponto mais visível de uma sistemática política de 'entreguismo', vulneração de direitos indígenas e criminalização dos protestos. A morte sempre é uma tragédia e pior ainda se não é investigada e sancionada.

O genocídio físico e cultural da invasão européia não se encerrou com as independências. Constituíram-se Estados uninacionais, copiados da Europa. Os crioulos só herdaram o poder, não o transformaram. Os povos indígenas foram excluídos desde o início, os Estados crioulos desenvolveram campanhas de

Soldados atiram em manifestantes em Bagua: o governo peruano não quis conversar. Acima, à direita, índios mortos na ação repressiva policial.



extermínio indígena.

A colonização não só sobrevive até hoje, como também tem

se fortalecido com a chamada globalização. Justamente com a imposição global do neoliberalismo, nossos povos, seu modo de vida, seus direitos, são considerados obstáculos para o criminoso saque dos bens naturais e a deterioração da Mãe Terra. Dali vem a criminalização dos nossos direitos: somos perseguidos, deslocados, assassinados, torturados, desaparecidos e se militarizam nossos territórios. Mas é precisamente isso o que nos faz despertar, dar o salto na resistência à proposta, articularmos e avançar na conquista de nossos direitos.



Índio Guajajara ferido em ataque de pistoleiros à noite, na Aldeia Lagoa Comprida, Maranhão (2005)



Olhando 2010:

Na região e em muitas partes do planeta, o movimento indígena é reconhecido como o novo protagonista político, a queda dos paradigmas capitalistas faz voltar os olhos a nossos paradigmas: diálogo e harmonia com a Mãe Terra, reciprocidade, interculturalidade. No âmbito andino, as constituições da Bolívia e do Equador já recorrem a propostas de Bom Viver e Estados Plurinacionais. Nossas mobilizações não só têm maior dimensão em termos quantitativos, o que já é importante, como, sobretudo, em termos qualitativos, por sua capacidade de apresentar propostas à crise de civilização, articular-se ao conjunto dos movimentos sociais e obter incidência nos espaços nacionais e internacionais, tanto oficiais como da sociedade civil em geral.

Como CAOI nós traçamos quatro eixos estratégicos para 2010: a promoção do Bem Viver e dos Direitos da Natureza, o fortalecimento das articulações indígenas, a afirmação e ativação dos direitos indígenas e a incidência frente à mudança climática e às indústrias extrativas.

Em resumo, podemos definir nosso programa do próximo ano como o desenvolvimento dos Estados Plurinacionais, Bom Viver, direitos coletivos e agenda indígena frente à crise civilizatória. Nossos desafios são, então, posicionar

as alternativas indígenas, especialmente o Bom Viver, frente à crise civilizatória do modelo capitalista, assim como fortalecer o exercício e a defesa dos direitos indígenas, ativando mecanismos internacionais de proteção e articulando alianças para fortalecer as alternativas indígenas.



Mulher Guarani reza: os desafios na luta pelos direitos continuam em 2010, e a espiritualidade deve ser um componente dessa luta, como meio de resistência.

TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA:

Guajajara discutem Educação Escolar Indígena

Cerca de 150 professores, caciques e outras lideranças do povo Tenetehara-Guajajara reuniram-se na Aldeia Lagoa Quieta no primeiro encontro sobre Educação Escolar Indígena em Araribóia, Maranhão. Vieram de 40 aldeias e destacaram a presença e partilha do cacique Marcos Xukuru de Pernambuco e Lourenço Krikati da Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão – COAPIMA. Participaram três missionários do Cimi também.

O encontro se concentrou em três pontos: a educação escolar que temos, a que nós queremos e como nos organizar para construir esta educação.

Contribuições dos convidados:

Rosimeire Diniz, do Cimi, apontou alguns aspectos da história da educação escolar indígena no Brasil:

"A educação escolar indígena no Brasil começou a partir do século XVI, e desde então pretendia integrar os índios a comunhão nacional. Pretendia acabar com as línguas e as culturas dos povos indígenas num processo de assimilação dos valores da sociedade não indígena, que perdurou por vários séculos. Este paradigma começou a ser questionado a partir da elaboração da atual Constituição Federal, promulgada em outubro de 1988. Nela, foram reconhecidos direitos fundamentais para os Povos Indígenas".

O texto da Constituição Federal é o seguinte:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Marcos Xukuru partilhou a experiência de luta pela educação escolar indígena de seu Povo:

"Quando começamos o processo de conversa sobre educação em 1992 com o Cacique Xicão – ele discutia a escola como formadora de guerreiros. Antes a educação estava a cargo do município, e os professores eram brancos. Começamos a fazer reunião e cobrar do município que contratasse professores índios e que iniciasse a formação de professores.

Investimos na formação política através de vários momentos de estudos sobre a legislação. Fizemos vários encontros de capacitação sobre legislação e educação.



Lourenço Krikati

- Criamos um conselho local de educação – o COPIXO, que facilita a participação coletiva na construção do processo escolar.



Continua na próxima página

- Fizemos pesquisa sobre a nossa própria cultura e a publicação do próprio material didático. Nossa primeira publicação foi o livro "Filhos da Mãe Natureza".
- Com outros povos, formamos o Conselho de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE. Realizamos encontros, quando reunimos todos os professores do Estado de Pernambuco. Os custos desses encontros são dos próprios professores indígenas e suas organizações, quem paga são os próprios povos – isso se chama autonomia.

Comentários dos participantes:

Além das boas vindas e cantos tradicionais, houve muito comentários dos participantes e anfitriões.

"Esse momento é importante para dar um passo na direção da escola que queremos". Silvio Santana – cacique da aldeia Lagoa Quieta

"Até agora estamos recebendo só de cima para baixo, hoje, com esse movimento estamos semeando e pensando uma política de educação pra nós". Luís Carlos – liderança da Aldeia Zutuia

A educação escolar desejada:

Após um bom estudo em grupos, os líderes e professores participantes chegaram a uma boa descrição da educação escolar que querem. Destacamos estes pontos do relatório:

- Que valoriza a organização social, costumes, crenças, tradições e direitos sobre a terra; que possibilite reaprender a confecção de artesanato, que incentive as crianças a cantar e falar em sua língua, buscando as soluções juntos com os mais velhos, pois eles são os conhecedores de suas histórias, cânticos, danças, pinturas etc.

- Que os alunos sejam preparados para lidar com o mundo dentro e fora da aldeia,

com a realidade que convivemos;

Passos para construir esta educação escolar:

- Criar conselhos locais de educação escolar indígena; discutir a composição e atribuições;
- Elaborar um único Projeto Político Pedagógico (PPP), para todas as Escolas da T. I. Araribóia;
- Realizar diagnóstico das escolas indígenas da T. I. Araribóia;
- Assegurar a participação da comunidade na vida da escola – escola na vida da comunidade;
- Garantir a participação da comunidade na escolha da direção da escola;
- Lutar pela formação superior dos professores indígenas;
- Conhecer o processo de reconhecimento das escolas indígenas da Araribóia e lutar por ele;
- Trabalhar a formação política do professor indígena para ter mais compromisso com o seu povo;
- Lutar por um transporte escolar que atenda a demanda das comunidades e melhorias nas vias de acesso às escolas indígenas.

Avaliação:

A avaliação do Frederico expressa a satisfação dos participantes com este encontro: "Estou muito feliz com esse primeiro encontro de professores. Somente com a organização é que vamos melhorar e conseguir algo melhor e não esperar as coisas de cima para baixo".

Agora, parentes, é realizar tudo que foi falado e discutido lá. Nós esperamos mais notícias de vocês sobre o progresso nesta caminhada.



Lourenço Krikati

MUDANÇA DO SISTEMA E NÃO DO CLIMA!!



O acordo corrupto de Copenhague mostra o abismo entre as demandas do povo e os interesses das elites. Segue trechos do documento elaborado por muitos destes movimentos.

A FARSA da COP 15:

Infelizmente a conferência em Copenhague não conseguiu elaborar soluções para a crise climática, nem mesmo um mínimo de progresso naquela direção. As conversas foram uma traição total às nações empobrecidas e os países ilhas, o que fez vergonha para a Organização das Nações Unidas e o governo da Dinamarca. Nesta conferência, onde o tema foi a redução de emissões de carbono, os países ricos recusaram a possibilidade de cortes drásticos nas



Em 2005 e em 2009, a seca na Amazônia causou grande mortalidade de peixes. Este desastre é resultado do aquecimento global, e poderá se repetir com maior frequência.



emissões e se mostraram totalmente sem vontade de reparar os danos que eles têm causado. A Conferência COP15 deixou claro que soluções verdadeiras (não falsas soluções baseadas no mercado) não serão assumidas até superamos o injusto sistema político e econômico. Praticamente todas as propostas discutidas em Copenhague tiveram como meta a criação de oportunidades para lucro em vez da redução das emissões.

O VERDADEIRO DEBATE:

A discussão de soluções reais aconteceu nos movimentos sociais. Articularam idéias criativas e tentaram fazê-las chegar à Conferência da ONU. Os países da ALBA (Aliança Bolivariana dos Povos da América) muitas nações africanas e de países-ilhas também falaram em pagar a dívida climática, sugeriram criar (fora das instituições neoliberais como o Banco Mundial e FMI) fundos de mitigação e adaptação, e de manter o aumento da temperatura global abaixo de 1,5 graus.

A REPRESSÃO:

Mas estas vozes com suas valiosas contribuições foram excluídas, reprimidas. Tentaram silenciar estas vozes, mas o grito e a luta continuam. Apesar de tudo, o movimento pela mudança do sistema e não do clima é mais forte do que nunca. A coalizão de Justiça Climática Agora! (Climate Justice Now! – CNJ!) convoca movimentos sociais no mundo inteiro a se mobilizar em defesa e apoio à Justiça Climática.



Manifestantes pela Justiça Climática foram reprimidos todos os dias em Copenhague

O DESAFIO e COMPROMISSO:

Vamos levar nossa luta avante não só em conferências sobre o clima, mas nas bases e nas ruas para promover soluções autênticas que incluem:

- Deixar os combustíveis fósseis no subsolo e investir em fontes de energia eficientes, seguras, limpas, renováveis,

e em harmonia com as comunidades afetadas.

- Reduzir radicalmente o consumo e o desperdício no hemisfério norte sim, mas também pelas elites do hemisfério



Lago na Bolívia: seca ameaça comunidades.

Sul.

- Pagar dívidas climáticas – com controle democrático – os custos de adaptação e mitigação para os mais afetados. Para isso utilizar impostos progressivos e inovadores, cancelar dívidas de nações afetadas, tirar parte do orçamento militar para este uso.

- Conservar e preservar a terra baseado em direitos indígenas à terra e promovendo sua soberania sobre energia, florestas e água.

- Promover agricultura e pesca familiar sustentável e soberania alimentar do povo.

Nós temos o compromisso de construir um movimento diferente – localmente e globalmente – para um mundo melhor.

Para mais informação acessar o site: www.climate-justice-now.org

O texto que segue é baseado no texto de Pablo Sólon, o embaixador boliviano para as Nações Unidas e Cormac Cullinan, um advogado ambiental atuante e autor de Wild Law: A Manifesto for Earth Justice.

Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra

Para a Bolívia, que já está enfrentando secas sem precedentes, com o desaparecimento das geleiras e falta de água, a diferença entre uma meta de 2 graus ou mesmo 1 grau é uma questão de vida ou morte para muitos. Talvez por isso, ou porque a Bolívia é um país majoritariamente indígena, foi de lá que saiu a proposta de uma "Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra". Em 22 de dezembro, a Assembléia Geral da ONU passou uma resolução que colocou esta questão na sua agenda.

A Mudança climática, como uma febre, é sintomática de uma doença que tem que ser curada para que a febre se dissipe. A causa é a idéia de que os humanos são separados da (e superiores a) natureza, e de que mais é melhor. Estas idéias motivam as equivocadas e condenadas tentativas das sociedades baseadas em consumismo e indústria de alcançar um duradouro bem-estar humano através da exploração e estrago da Terra.

Durante séculos os povos indígenas têm advertido que se as comunidades humanas quiserem continuar fazendo parte da comunidade da Terra, terão de se comportar como membros respeitosos. Nós chamamos nosso planeta Pachamama, Mãe Terra, porque nós sabemos que não podemos viver sem ela. Esta compreensão é apoiada não só por antigas tradições espirituais como também pela ciência contemporânea, que continua a revelar a complexa interdependência da vida na Terra. Estas perspectivas estão se agregando no que é conhecida como "jurisprudência da Terra".

Para estabilizar o clima em níveis que permitam a vida humana a florescer, será preciso que as sociedades humanas supram suas necessidades de uma maneira que contribua para e não prejudique a saúde das comunidades ecológicas que nos sustentam. Isso exigirá um equilíbrio entre os direitos humanos e os direitos de todos os outros membros de nosso planeta.

A maioria dos sistemas legais de-

fine tudo que não é humano ou corporação como "propriedade". Com isso, muitas atividades que prejudicam a natureza são legalizadas. As poucas leis ambientais só regulamentam a destruição. A idéia aqui é de reconhecer os direitos dos seres não humanos (por exemplo: montanhas, rios, florestas, animais). Se os sistemas jurídicos fizessem isso, poderiam tratar as questões fundamentais em vez de se abarrotar com questões técnicas de poluentes permitidos e emissões. Por exemplo, uma abordagem baseada em direitos poderia avaliar os direitos dos humanos a devastar florestas tropicais para cria-

gado, frente ao direito das espécies naquelas florestas de continuar a existir. Em vez de inventar esquemas cada vez mais complexos para autorizar danos ambientais e comercializar o direito de poluir, nos concentraríamos em pensar numa melhor

maneira de manter a qualidade da relação entre nós e a Terra.

Bolívia, Equador e outros países Latino-americanos já iniciaram o processo para definir um novo caminho de desenvolvimento. Usamos termos como "bem viver" para descrever um modo de vida que procura não viver "melhor" a custa de outros e da natureza, mas em harmonia com todos. As lutas dos povos indígenas e movimentos sociais na América Latina possibilitaram a afirmação desta perspectiva nas constituições da Bolívia e Equador.



O derretimento do gelo nas montanhas dos Andes tornou-se rápido e permanente, causando falta de água nas regiões abaixo das montanhas.



Cormac Cullinan



Pablo Solón

Veja estas notícias:

“O ano de 2009 vai terminando e os povos indígenas comemorações. A rigor, o único acontecimento significativo foi a conclusão do julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), da ação que pedia a revogação do decreto de homologação da terra Raposa Serra do Sol em área contínua. No entanto, mesmo a decisão da Suprema Corte, que julgou pela manutenção da homologação, não deve ser euforicamente comemorada, uma vez que, os ministros estabeleceram condicionantes às futuras demarcações de terras. Ao julgar este caso em particular, o STF introduziu condições a serem observadas no Brasil não têm motivos para nos procedimentos demarcatório, estabelecendo, assim, novos obstáculos às garantias constitucionais dos povos indígenas”. (Roberto Antônio Liebgott- Cimi)

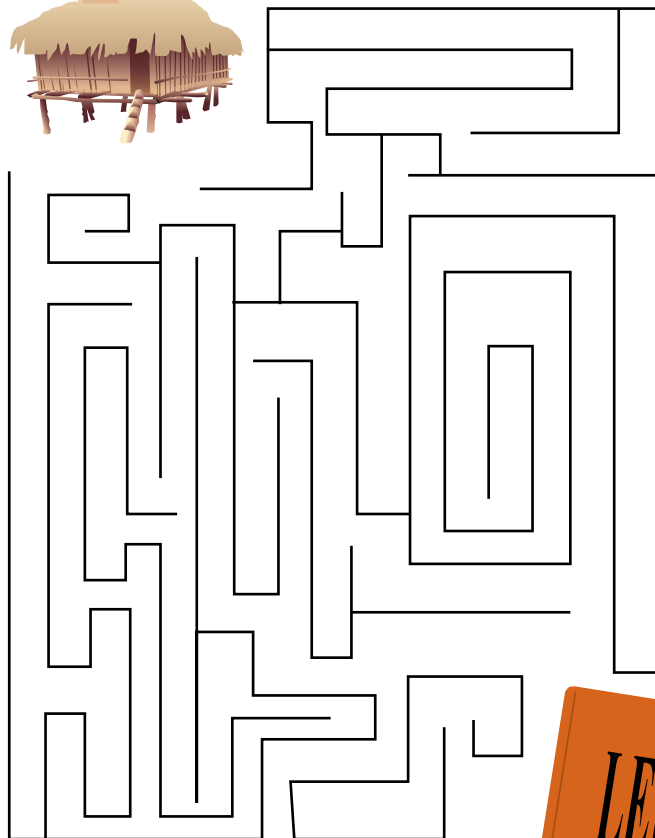
“O presidente da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), Danilo Forte, manifestando-se em relação aos apelos dos Guarani-Kaiowá para que lhes fosse assegurada assistência em saúde, declarou: ‘A gente só pode fazer investimentos em aldeias que estão legalizadas’ e enfatizou que a Funasa não pode atender indígenas nas áreas ‘em litígio’. Ele se referia aos Guarani-Kaiowá da comunidade Kurusú Ambá, que realizaram uma retomada no dia 25 de novembro, e que estão acampados em uma fazenda, no município de Coronel Sapucaia, Mato Grosso do Sul.

No dia 15 de dezembro os indígenas recorreram ao Ministério Público Federal de Ponta Porã, solicitando que fossem tomadas providências urgentes para que a comunidade recebesse proteção, alimentos e assistência em saúde. Reclamaram a falta de medicamentos para conter o surto de diarreia que acometia a maioria das crianças e outras doenças que atingiam as famílias. Procurado pela imprensa local para prestar esclarecimentos, o coordenador estadual da Funasa, em Mato Grosso do Sul, Flávio Brito, declarou que não estava enviando remédios aos índios porque o local em que eles acamparam era palco de conflitos. Em outras palavras, o representante da Funasa reconheceu que os Guarani-Kaiowá sofrem ameaças em função da retomada e estão à mercê de jagunços de fazendeiros armados.”

(Roberto Antônio Liebgott – Cimi)

ESTATUTO DOS POVOS INDÍGENAS UMA DISCUSSÃO

Esta é uma pequena amostra do que foi a conjuntura em 2009 para os povos indígenas: uma luta permanente pela afirmação de seus direitos, numa condição de desigualdade de forças. Do outro lado, estão as empresas agrícolas de exportação, a grilagem de terras, os projetos de hidrelétricas, as estradas. A história do desenvolvimento econômico brasileiro tem como face obscura a destruição dos recursos naturais, com o patrocínio, na maioria dos casos, dos governos que se sucedem até os dias atuais. Em 2010, um tema que deve ser priorizado pelo movimento indígena é a luta pela aprovação do novo Estatuto dos Povos Indígenas, como mais uma “ferramenta” na defesa dos direitos indígenas contra as ameaças desse modelo econômico.



POVOS INDÍGENAS: SÃO URGENTE

Uma lei para os povos indígenas

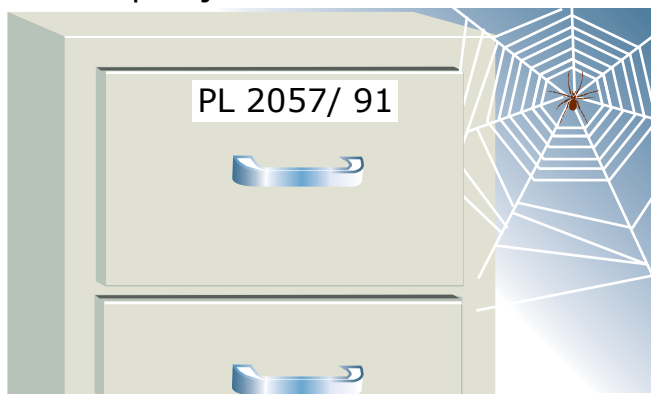
Até a promulgação da Constituição de 1988 – CF 88, a lei que servia de base para a promoção dos direitos indígenas era a lei 6001, promulgada em 1973. Essa lei tinha como princípio a idéia de que o indígena não era capacitado a tomar decisões sobre sua própria vida, e que deveria ser tutelado pelo Estado Brasileiro. A CF 88 reconheceu aos povos indígenas sua autonomia, e revogou a tutela. Fez-se necessária nova lei, adaptada à nova realidade jurídica.

As discussões no Congresso Nacional, para a criação da nova lei começaram em 1991. Uma proposta de um novo Estatuto dos Povos Indígenas (PL 2057/ 91) foi aprovada em 1994 por uma comissão especial da Câmara dos Deputados, mas desde então nunca foi levada ao plenário do Congresso Nacional.



Direitos retalhados

Nesses dezesseis anos, questões relacionadas aos direitos indígenas foram discutidas e decididas de forma isolada. Algumas, como a proposta de mineração em terras indígenas, já teriam sido implementadas, se não fosse a vigilância e resistência do movimento indígena e seus aliados. Como 2010 é ano eleitoral, muitas manobras políticas serão realizadas para apressar obras como as hidrelétricas de Belo Monte e liberar mais recursos para ações que atingem negativamente as terras indígenas. Por isso, é necessário que cada comunidade, na escola, nas reuniões da aldeia, se informe mais a respeito da questão, discuta e tome posição.



Proposta da CNPI

A Comissão Nacional de Política Indigenista- CNPI, que é formada por representantes de diversos ministérios, mais lideranças indígenas, vem procurando retomar as discussões sobre o novo Estatuto. Em 2008, apresentou um substitutivo ao PL 2057/ 91, com propostas trazidas do Abril Indígena. O substitutivo pode ser encontrado no site da Funai. Alguns pontos merecem uma reflexão mais atenta, como é o caso dos recursos hídricos e da Mineração.

Recursos hídricos

Esta parte se refere ao aproveitamento dos rios para geração de energia. O substitutivo da CNPI sugere, em conformidade com a Convenção 169 da OIT, que deve haver a consulta prévia, informada e livre às comunidades atingidas, que poderiam formalizar sua concordância ou não com o projeto. Toda informação referente ao projeto teria

que ser colocada à disposição da comunidade. O projeto teria que ser aprovado pelo Congresso Nacional, antes de ir para aprovação do Executivo, e haveria uma compensação financeira de no mínimo 10% do valor da energia gerada às comunidades afetadas. A CNPI observa ainda que o rio tem que ser visto principalmente como parte da vida das comunidades, e nesta visão, os costumes e tradições têm que ser respeitados.

Mineração

Segundo informa Ricardo Verдум, do Inesc, foi criada, na Câmara dos Deputados, em março de 2005 uma Comissão Especial para discutir o tema, que adotou o PL 1.610-A de 1996, de autoria do senador Romero Jucá, como referência. A CNPI, no seu substitutivo, estabelece uma série de condições de proteção às terras indígenas, em caso de exploração mineral. A história ensina que projetos de mineração, mesmo quando foram supostamente baseados na exploração racional, criaram problemas graves para o meio ambiente e para as culturas indígenas. Verдум, em artigo publicado recentemente, observa que o Centro de

ração petroleira nos territórios indígenas na Amazônia daquele país:

Impactos ambientais: contaminação de águas, rios e pântanos; ruído; iluminação dos locais de exploração; contaminação do ar; contaminação do solo; explosões, desflorestamento e perda de biodiversidade, movimentação de terra, etc.

Impactos socioculturais: colonização e abertura de estradas; movimentação de pessoas; problemas de relacionamento dos trabalhadores com as comunidades, em particular com as mulheres; divisões internas nas comunidades e organizações; compra de consciências; corrupção e abuso de autoridade; emprego temporário e mal pago, etc.

A CNPI propõe que cada projeto de exploração mineral em terras indígenas passe pela aprovação do Congresso Nacional, e que sejam considerados nulos qualquer projeto que tenha sido aprovado antes da promulgação da lei, caso isso venha a ocorrer. Não poderia haver pesquisa ou lavra de recursos minerais em terras indígenas não demarcadas, ocupadas por indígenas isolados e de contato recente, invadidas, ou em situação de conflito; a comunidade deveria ter total acesso às informações relativas ao projeto, em procedimentos semelhantes àqueles adotados na exploração dos recursos hídricos.



Indígenas cintas-largas em garimpo ilegal em Pimenta Bueno- RO. Foto: Antônio Gaudério (Folha/ Imagem)

Derechos Econômicos y Sociales (CDES), do Equador, elencou (2005) um conjunto de impactos relacionados com a explo-

Reflexão e ação

O substitutivo, como o nome diz, ainda é só um projeto, sujeito a discussão, mas já é um passo. O texto, mesmo sendo de leitura às vezes difícil, precisa ser divulgado e entendido, pois só com a informação correta é que se pode decidir as próximas ações. O que não pode acontecer é se deixar atropelar mais uma vez pela conversa do "interesse da União". Precisamos ficar atentos às manobras para cooptação de lideranças e para dividir as comunidades.

ASSEMBLÉIA TEMBÉ: um povo que renasce

Os Tembé de Santa Maria já estão na quarta assembléia depois que tomaram consciência de sua identidade e seus direitos. Agora às margens da BR, no Município de Santa Maria do Pará, realizaram a IV Assembléia olhando em três direções: passado, presente da Amazônia e futuro dos Povos Indígenas.

As lideranças deram uma força: o cacique Miguel, a capitoa Maria Francisca da Silva, Almir Vital da Associação. Ajudou a dança inicial e dois vídeos: a visita à antiga aldeia Anselmo e o vídeo da missão do Prata, antigo território povoado pelos Tembé.

Ulisses Manaças, do MST ajudou a entender o passado e o presente da Amazônia, região explorada e saqueada, colônia dentro do País.

Paulo Dutra ilustrou a luta para a aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas que depois de 21 anos da promulgação da Constituição, ainda não conseguiu ser aprovado. Os índios hoje têm mais inimigos que ontem.

Os Tembé finalizaram a assembléia renovando a vontade de lutar pelo reconhecimento do seu território e o fortalecimento de sua identidade.



01. Mapa do território Tembé desenhado no chão
02. Maria Francisca da Silva, capitoa Tembé.
03. Almir Tembé, de microfone na mão, foi reeleito coordenador Geral da Associação Indígena Tembé de Santa Maria.
04. A dança é o ritual que fortalece as decisões tomadas na Assembléia.
05. As crianças não ficam de fora da Assembléia: à sua maneira, elas contribuem para a luta de seu povo.



Uma publicação a serviço dos povos indígenas e da Amazônia.

ASSINATURA ANUAL:

Não-índio: R\$ 25,00

Indígena: R\$ 12,00

Apoio: R\$ 50,00

EXEMPLARES AVULSOS: R\$ 3,00

Marque aqui o seu tipo de assinatura:

- Anual
- Renovação
- Indígena
- Apoio
- Exterior

Pagamento

- Cheque Nominal
- Depósito Bancário

Em: ___ / ___ / ___

Depósito Bancário:

Banco Bradesco Agência 3109-7

Conta Corrente 135641-0

Em nome de Conselho Indigenista Missionário

Para fazer assinatura do Mensageiro, preencha o cupom no verso desta página, e envie para o endereço abaixo.

Editora Mensageiro
Caixa Postal 41
66017-970 Belém, Pará

fone: 091- 3252 - 4164
Fax: 091- 3252 - 2312
E.mail: cimiblm@amazon.com.br

AINDA BELO MONTE!!!

Todos nós, todos mesmo, sabemos porque a construção da “terceira maior hidrelétrica do mundo” - Belo Monte- não é bom negócio para o Brasil, para o planeta e, principalmente, para quem vive na região do belo Rio Xingu. Belo Monte já causou demissões no Ibama. Dois dos principais responsáveis pelo licenciamento ambiental pediram demissão no começo de dezembro e alegaram sofrer pressão para a liberação da licença. O debate sobre Belo Monte



dura quase 30 anos e atravessou sete diferentes governos. Só isso indica o tamanho do problema que é proporcional ao tamanho da obra projetada. O tamanho do reservatório equivale às cidades de Fortaleza e Recife

juntas. As escavações a serem realizadas na obra equivalem ao Canal de Panamá. Já o Mensageiro e tantas outras publicações contam os horrores econômicos, ambientais e sociais que uma obra deste tamanho vem a causar. Vários países estão deixando de construir hidrelétricas, e demolindo as existentes, por que o benefício não justifica o alto custo. Mesmo assim o governo brasileiro continua insistindo sob a pressão das empreiteiras que visam lucros



bilionários.

E o Complexo Hidrelétrico do Tapajós vem aí!!

Várias lideranças da região e representantes de comunidades que serão afetadas pelo complexo já se manifestaram publicamente contra a implementação das usinas-plataforma no baixo Tapajós. No ano passado, declararam em carta aberta: ‘Os povos da bacia do Tapajós’, repudiam a instalação do complexo e afirmam que, diante do desrespeito das autoridades, nós ribeirinhos, agricultores, pescadores, educadores, jovens, homens e mulheres nos declaramos contrários ao Complexo Hidrelétrico do Tapajós, que além de prejudicar nossa cultura e meio ambiente, beneficiará apenas o grande capital e empresas nacionais e estrangeiras.’

A nota afirma ainda que os impactos ambientais, econômicos, sociais e culturais na bacia do rio Tapajós, comprometem a vida humana, animal e vegetal, sem respeitar fronteiras e acordos governamentais. A carta também condena a conivência do governo diante de crimes praticados por grandes empresas construtoras de barragens que ‘consomem muita energia, geram pouco emprego, saqueiam nossos recursos naturais, contaminam nossos rios, terra, floresta, ar, destroem e violam os direitos das comunidades locais e comunidades indígenas’

Atenção gente. Não podemos permitir mais este crime de lesa-pátria.

Desenho de como o governo pretende construir a Hidrelétrica de São Luiz do Tapajós.



Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Fone: _____

CEP: _____ Cidade: _____

Estado: _____ País: _____

Importante: Envie por fax ou correio – junto com o cupom preenchido o comprovante (ou cópia) do seu depósito



Para utilizar, recorte na linha picotada

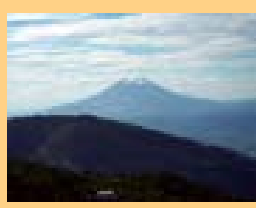
Na Sala de Aula

As atividades nestas páginas foram elaboradas para estimular professores (indígenas ou não, em escolas indígenas ou não) a utilizar o Mensageiro para reforçar suas aulas e para encorajar seus alunos e suas comunidades a ações positivas para melhorar nosso mundo. Este espaço permanece aberto para suas idéias e os frutos de seus trabalhos. Veja abaixo do editorial, na página 02 o nosso endereço e nos escreva.

VI Encontro de Teologia Índia pp. 3-11:

Pesquisa:

1. Localize El Salvador no mapa ou globo. Procure saber o seu tamanho, quantos habitantes tem, como é sua bandeira, quais seus principais produtos. Qual o oceano que banha toda a extensão do país? E quais são os países vizinhos de fronteira com El Salvador.
2. Um grande herói de El Salvador é o Dom Oscar Arnulfo Romero. Procure saber um pouco da vida dele e porque ele é tão importante para o povo salvadorenho. Escreva a frase dele que inspirou o encontro de Teologia Índia.



Debate ou redação:

3. O tema do encontro foi migração. Quais são os tipos de migração citados no artigo? Destes, qual é que mais afeta o seu povo e sua comunidade?
4. De acordo com o artigo, o que leva os indígenas a saírem de suas terras para viver na cidade? E no caso de seu povo, o que é?
5. Aonde o povo encontra respostas para seus problemas?



6. Estude bem os compromissos do VI Encontro. O que você, o seu povo, sua organização vai fazer?
7. Fale da Declaração Universal dos Direitos Indígenas. Conheça esta Declaração e veja os pontos principais para nossa situação.

Ano velho, ano novo pp. 12-14:

1. Leia bem o artigo e faça um resumo dos ganhos e perdas dos povos indígenas que Miguel Quispe aponta no ano 2009.
2. Faça o balanço dos ganhos e perdas do seu povo no ano 2009.
3. Anote os rumos que Quispe aponta para 2010. Qual a relação destes com o seu povo?

Educação Escolar Indígena em Araribóia pp. 15-16:

1. Leia bem as palavras de Marcos Xukuru. Ele fala de autonomia. Como Marcos descreve autonomia? O que você acha? Seu povo é autônomo? Ou depende dos outros? Faça um debate com os colegas sobre isso.
2. Exercício em gramática: Selecione um parágrafo e sublinhe todos os substantivos com vermelho, os verbos com verde, os adjetivos com azul.
3. Exercício com dicionário: Procura a definição e um sinônimo para cada palavra que você grifou.

Mudança do sistema e não do clima! p. 17:

Para pesquisar: Faz anos que o Mensageiro e outros meios de comunicação falam sobre mudanças no clima. Porque isso está acontecendo? Porque a Conferência em Copenhague não alcançou seu objetivo?

Para refletir e debater: Em nossa área dá para perceber mudanças climáticas? O que nós podemos fazer para ajudar proteger a natureza? Devemos ter

punição na aldeia para quem prejudique a natureza? (Por exemplo que suja o rio ou a terra com lixo, quem vende madeira ou animais da floresta...)

Projeto de atividade: Baseado no resultado do debate, escolher uma atividade em que pode envolver toda sua escola na defesa do meio-ambiente. Por exemplo, o RRR – Reduzir, Reutilizar, Reciclar.

Estatuto dos Povos Indígenas pp.20-22:

Para debater: Porque o Estatuto é tão importante para os povos indígenas? Quais são os pontos que precisam mais atenção porque apresentam maior perigo para os povos indígenas? O que nós podemos fazer para ajudar?

Atividade: Promover uma reunião com os adultos, professores e alunos maiores sobre este assunto para que seja bem debatido e as lideranças saibam o que a comunidade espera deles na luta por uma legislação boa.

Tembé de Santa Maria do Pará p. 23:

Mande uma carta à comunidade Tembé para encorajar e apoiá-los na sua luta por reconhecimento. (Pode mandar

para o endereço do Mensageiro que será entregue.)

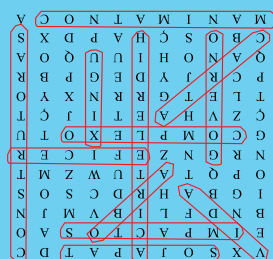
Hidrelétricas: Belo Monte e Tapajós p. 24:

Para pesquisar: Procurar mais informações sobre diversas maneiras de produzir energia elétrica, sobre as vantagens e desvantagens das grandes hidrelétricas.

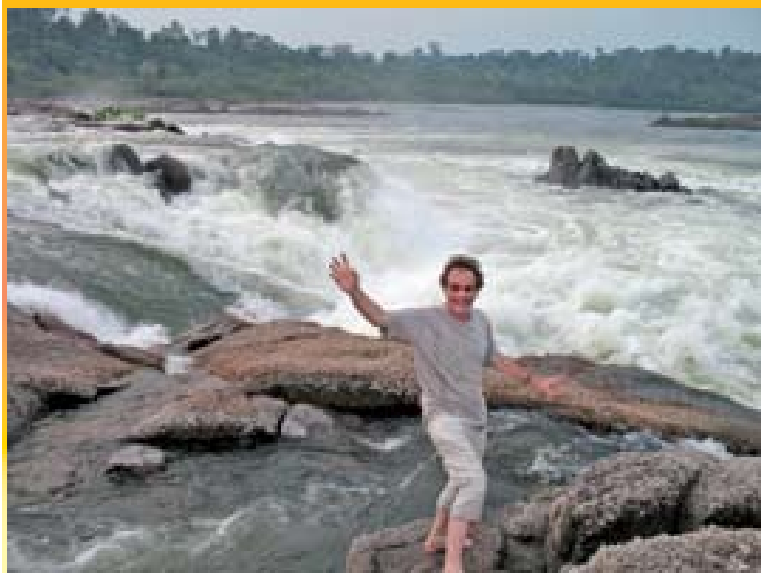
Para fazer: Caça palavras. No artigo sobre as hidrelétricas você encontra as palavras na lista. Vai caçar estas palavras duas vezes. Lá no artigo mesmo, marque a palavra cada vez que aparece, confira quantas vezes aparece e verifique o sentido e soletração de cada uma. Depois procure as palavras no quadro e marque, como o exemplo mostra. As palavras no quadro podem estar na vertical, horizontal ou diagonal e às vezes invertidas.

TAPAJÓS
XINGU
COMPLEXO
IMPACTOS
RECIFE
OBRA

CONTAMINAM
HIDRELÉTRICA
VIDA
CONSTRUTORAS
GOVERNO
CARTA



V	X	S	O	J	A	P	A	T	D	C
E	I	M	P	A	C	T	O	S	A	O
B	N	D	F	L	I	B	V	M	J	N
I	G	B	A	H	R	D	C	S	O	S
O	P	Q	T	A	T	U	W	Z	M	T
N	R	G	N	Z	E	F	I	C	E	R
G	C	O	M	P	L	E	X	O	T	U
Ç	Z	V	H	A	E	T	I	J	Ç	T
T	L	E	T	G	R	R	N	X	Y	O
P	C	R	J	Y	D	E	G	P	B	R
Q	A	N	O	H	I	U	U	Q	O	A
C	B	O	S	Ç	H	A	P	D	X	S
M	A	N	I	M	A	T	N	O	C	A



Glenn Switkes: um amigo sempre vivo

Veio de longe mas é cidadão do Xingu.

Amou e defendeu o que é patrimônio e direito da humanidade, mas concretamente o que é vida e

garantia de futuro para comunidades indígenas, ribeirinhas, camponesas.

Representava no Brasil a IRN-Internacional River Network. Ambientalista, ativista, vigilante como ninguém. Nunca compactuou com projetos que colocam o lucro e a produção e o interesse dos grandes acima do bem comum e da preservação dos rios e da água como bens inegociáveis.

As lágrimas dos povos do Xingu se juntam às águas do rio Tapajós, do Madeira e todos os rios da Amazônia para formar uma grande rede de força e compromisso em continuarmos o teu incansável trabalho.

Ainda estás em nosso meio para nos incentivar a defender o que é mais importante na vida.

Obrigado amigo e companheiro

MEMÓRIA

Quitéria Pancararu: mãe e guerreira

É incrível como um povo possa ressurgir e lutar pelo incentivo de uma mulher.

Quitéria foi mulher, esposa, mãe e avó e ao mesmo tempo guerreira corajosa. A ternura que teve por sua família se transferiu à mãe terra, ao seu povo e se traduziu em sonhos e luta para uma vida melhor. Ternura com a terra, herança dos antepassados, resgatada depois de vendida e violada. Ternura com o povo, sonho de um futuro garantido a começar pela vida em gestação e pelo cuidado com as crianças. Ela criou a primeira casa de parto e a primeira creche em terras indígenas. Defensora da terra e cultura. A doença que durou dez anos não parou sua luta e nem apagou o seu sonho.

Obrigado Quitéria guerreira e mãe! Alimentamos os nossos sonhos!



O altar para os povos da América Central é o coração de Deus, o coração de nossos povos, dos nossos antepassados. É formado pela convergência dos caminhos de Deus e os caminhos humanos.



Os caminhos deste altar são formados por milho de cores diferentes, com velas cujas cores seguem as do milho. No centro há uma imagem da Família Sagrada em fuga para o Egito – migrantes.



Não se deve tocar o que está sobre o altar. Não precisamos tocar, necessitamos abrir nosso coração para que se mova, se transforme, se fortaleça. Todos juntos cuidamos deste coração dos povos; cuidamos do altar assim como cuidamos dos nossos povos.

O espaço sagrado está cheio do agradável odor do incenso purificador. Nós estamos aqui reunidos porque Deus nos fala e está aqui. Deus mesmo quer nos mostrar sua presença aqui na terra. Se estamos aqui, é porque Ele nos trouxe até aqui. Não devemos ter rancor ou duplicidade, devemos ter um só coração e um só amor. Deus está contente de nos ver aqui juntos, dançando juntos. Contemplando a bondade deste bom Deus, digamos-lhe que o queremos muito e por isso estamos dispostos a respeitar e cuidar bem do que Ele nos deu: a Terra que é nossa mãe, tudo o que faz para o bem de todos. Sentimos a presença dele em nossos corações. Hoje e sempre seu Espírito nos acompanha.

